

PROPRIEDADES FORMAIS DA CONSTRUÇÃO NOMINALIZADORA X-NTE: UMA INVESTIGAÇÃO DIACRÔNICA

Fernando da Silva CORDEIRO
(Universidade Federal Rural do Semi-Árido)

RESUMO: Este artigo aborda a construção nominalizadora $[[X]_V -nte]_N$, que licencia a formação de substantivos e adjetivos no Português. Os objetivos são apresentar as propriedades formais da construção, a partir da análise do uso de nomes em *-nte* em perspectiva diacrônica; apontar possíveis motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas para sua configuração nos contextos em que ocorre e discutir se a construção apresenta mudanças significativas em seu pólo formal. Fundamentamo-nos, para tanto, na *Linguística Funcional Centrada no Uso* e na *Gramática de Construções*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com suporte quantitativo, cujos objetivos são eminentemente descritivo-explicativos. Os dados são provenientes de amostras do português escrito entre os séculos XIII e XX. Os resultados mostram que a construção exibe relativa produtividade na formação de substantivos e adjetivos e ocorre em contextos morfosintáticos diversos. Há uma herança parcial da moldura sintático-semântica do verbo-base, mediada por fatores semântico-pragmáticos e cognitivos. Por fim, percebe-se que a construção não apresenta alterações significativas em sua estrutura formal interna ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Nomes em *-nte*. Construção nominalizadora X-*nte*. *Linguística Funcional Centrada no Uso*. *Gramática de Construções*.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de uma tese de doutorado (CORDEIRO, 2021) que se voltou para o uso de nomes em *-nte*: substantivos e adjetivos formados a partir da junção do sufixo *-nte*, resquício formal do participípio presente latino, a uma base verbal. Exemplos desses nomes são apresentadas nas ocorrências de *falante* e *combatente*, em (1) e (2) respectivamente, cujas formações se dá pela afixação do *-nte* às bases verbais *falar* e *combater*.

- (1) A gente daquella terra he estremada das outras gentes e~no trajo e he de pouco comer e de coração~ cruel e he espantosa e~no rosto e aspera e~na falla. Pero som liberaes e be~**falantes** antre ssy hu~u~s aos outros e piedosos (CIPM, Séc. XV)
- (2) ajuntava um numeroso exército de | mouros andaluzes e africanos, em o qual havia mais quatro reis, e tão grande multidão de soldados, que autores graves chegam seu número a quatrocentos mil **combatentes**. (CHPTB, Séc. XVI)

Ancorados em uma perspectiva baseada no uso, assumimos que essas palavras são licenciadas por um padrão formal abstrato $[[X]_V -nte]_N$. Tratamos esses nomes como *construções*, pareamentos convencionalizados de algum elemento formal e algum aspecto semântico e/ou discursivo-pragmático((FURTADO DA CUNHA, BISPO, SILVA. 2013). Partimos da premissa de que nomes em *-nte* são instâncias da construção nominalizadora X-*nte*, em que X é um verbo e a categoria lexical da palavra derivada desse esquema é substantivo ou adjetivo.

Outros trabalhos também se dedicaram à descrição de propriedades morfosintáticas e semânticas de substantivos e adjetivos oriundos do participípio presente,

Propriedades formais da construção nominalizadora X-*nte*: uma investigação diacrônica

sob variadas perspectivas teóricas, a exemplo de Gonçalves (2001), Oliveira e Oliveira (2009), Medeiros (2006; 2010); Santos (2009) e Dias (2014). Grosso modo, os nomes em *-nte* são descritos como nomes agentivos e com relativa transparência em relação à semântica do verbo que lhe dá origem.

Para o momento, voltamo-nos à discussão dos achados de nossa pesquisa que caracterizam o pólo formal da construção, de modo a somar-se a outras tentativas de descrever as formas lexicais em *-nte* do Português. Questionamo-nos, sobretudo, quais as propriedades morfossintáticas da construção nominalizadora X-*nte* podemos identificar no uso dos nomes por ela licenciados e quais as motivações para tanto. Partindo de uma perspectiva diacrônica, também nos indagamos se a construção apresenta mudanças formais ao longo do tempo.

O objetivo geral deste artigo é analisar propriedades formais da construção nominalizadora X-*nte*, levando em consideração os contextos de uso de seus construtos – isto é, dos nomes em *-nte*. Para o cumprimento deste objetivo, listamos três outros mais específicos: apresentar propriedades morfossintáticas da construção em análise a partir do uso dos nomes em *-nte* nas diversas sincronias do português; discutir motivações semântico-cognitivas e/ou discursivo-pragmáticas implicadas na configuração da construção; avaliar se a construção apresenta mudanças significativas no pólo formal no decorrer das sincronias analisadas.

Nosso arcabouço teórico é o da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), alinhado ao modelo teórico da Gramática de Construções. Baseamo-nos nos trabalhos de autores como Givón (1995, 2012[1979]), Bybee (1985, 2016), Hopper (1987), Hopper e Traugott (2003), Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014). Assumimos, junto a esses autores, que a língua é um objeto maleável, sujeita às pressões do uso. Desse modo, a codificação linguística é moldada pelas funções comunicativas a que se prestam os itens linguísticos na interação. Sendo assim, a descrição e a análise linguística devem sempre considerar o uso da língua pelos falantes. Por outro lado, defendemos também que as línguas são complexas redes de construções inter-relacionadas que variam em termos de tamanho, especificação e conteúdo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Em termos metodológicos, esta é uma pesquisa eminentemente qualitativa com suporte quantitativo. De acordo com os objetivos, caracteriza-se como uma pesquisa descritivo-explicativa. Foram analisadas 3909 ocorrências de nomes em *-nte*, entre substantivos e adjetivos. Esse *corpus* corresponde a uma amostra do português escrito no período compreendido entre os séculos XIII e XX. Os dados são provenientes de três *corpora* distintos, a saber: o Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM); o Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB); e o Corpus para a História do Português Brasileiro (CPHPB).

Este artigo está estruturado da seguinte forma: após esta seção introdutória, em que apresentamos o objeto de estudo e objetivos do trabalho, temos: a seção de fundamentação teórica, que expõe os conceitos e categorias de análise utilizados; a seção de aspectos metodológicos, em que caracterizamos a pesquisa e detalhamos a composição de nosso *corpus*; a seção de análises, com a discussão dos resultados da pesquisa; e, por fim, a seção de considerações finais, com a síntese dos achados.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Expomos, nesta seção, o arcabouço teórico de nossa pesquisa, composto essencialmente de pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática

de Construções. Os conceitos aqui arrolados norteiam as análises do fenômeno linguístico investigado.

Embasamo-nos teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), vertente teórica advinda da Linguística Funcional norte-americana que se alinha a pressupostos cognitivistas (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Destacamos nomes da tradição funcionalista, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Elizabeth Traugott e Joan Bybee, seminais para as concepções de língua, linguagem e gramática aqui defendidas.

A nossa visão é a de que a língua(gem) é um sistema adaptativo complexo e integrado a outras capacidades cognitivas (TOMASELLO, 1998; BYBEE, 2016), em que fatores internos e externos ao sistema linguístico interagem mutuamente para a estruturação linguística. Ressaltamos a simbiose entre forma e função, à medida em que a codificação linguística é resultado das necessidades comunicativas dos falantes. Dito de outro modo, são os propósitos comunicativos dos falantes que determinam a codificação linguística na interação. Por consequência dessa perspectiva, o estudo da língua deve ocorrer a partir das situações reais de comunicação entre os falantes, ou seja, a partir do uso.

Processos cognitivos também subjazem à codificação linguística. Partindo do pressuposto de que a língua(gem) reflete a organização da experiência humana em estruturas conceituais (TAYLOR, 1995; LANGACKER, 1998; LAKOFF; JOHNSON, 1980), entendemos que não só as motivações semântico-pragmáticas são importantes para explicar a recorrência dos fenômenos linguísticos, mas também os processos pelos quais armazenamos, estruturamos e representamos o conhecimento cognitivamente são determinantes para o modo como a língua se configura no uso.

Temos, por consequência das definições apresentadas, que a gramática é o conjunto de padrões linguísticos regulares, aberto, fortemente suscetível e intensamente afetado pelo uso (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016). Assim como postula Hopper (1987), a gramática de uma língua não se define *a priori*, mas se constitui *na e pela* interação. É o uso da língua que permite a emergência e regularização de padrões linguísticos, via frequência e rotinização. Segundo o autor, a gramática é emergente no sentido de que está sempre em um movimento de adaptação de padrões regulares às pressões de uso, assim como de acomodação de padrões mais ou menos regulares à estrutura linguística. Por outro lado, a gramática também deve ser pensada como uma organização cognitiva de experiências com a língua, mediada pelos processos cognitivos de domínio geral (BYBEE, 2016).

Para além dos aspectos já mencionados, a saber: a visão da língua(gem) como um fenômeno sociocultural, a relação entre forma e função, a maleabilidade do sistema linguístico e sua sensibilidade às pressões do uso, guiamo-nos pela ideia de que as categorias linguísticas são fluidas e de que a variação e a mudança são inerentes à língua, assim como apresenta Givón (1995). Desse modo, compreendemos as categorias como resultado de um processo de construção e reconstrução das experiências com a língua, em que organizamos o conhecimento linguístico em categorias pela similitude ou diferença entre representações já armazenadas dos itens linguísticos (BYBEE, 2016). A propósito de variação e mudança, elas são consequência direta da natureza dinâmica das línguas e sua adaptação aos diversos contextos em que é posta em uso, como discute Martelotta (2011).

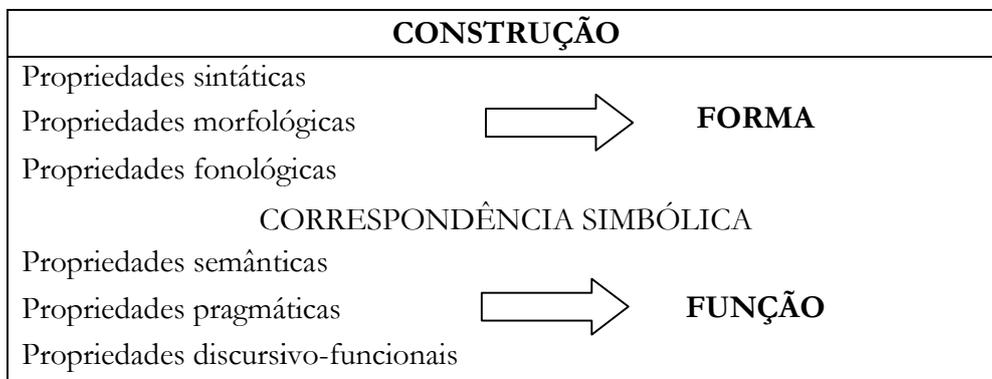
Incorporamos à nossa fundamentação teórica o modelo teórico da Gramática de Construções, que tem sido utilizado de forma bastante frequente em pesquisas na LFCU. Essa abordagem parte do conceito de construção: pareamento de forma e significado, em que o significando nem sempre é totalmente previsível da soma de suas partes componentes (GOLDBERG, 1995; 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014). Ampliando esse conceito, Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2013) definem como

Propriedades formais da construção nominalizadora X-nte: uma investigação diacrônica

construção a associação convencionalizada (no sentido de que é compartilhada pelos falantes de uma língua) entre algum elemento formal e algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional.

O conceito de construção é ilustrado por Croft (2001) conforme o esquema abaixo. Forma e função¹, estão em uma correspondência simbólica, isto é, são um par relativamente arbitrário compreendido pelo falante como um todo. Esse par é convencionalizado, no sentido de que é compartilhado por um grupo de falantes. Cada dimensão da construção (forma e função) é composta de três propriedades. No que se refere à forma, as construções apresentam propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; em relação à função, apresentam propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

Quadro 1 - Dimensões das construções



Fonte: adaptado de CROFT (2001, p. 18)

Para a GC, as línguas são redes complexas, dinâmicas e hierarquicamente organizadas de construções inter-relacionadas. A unidade básica da gramática de uma língua é a construção e o nosso conhecimento linguístico é, portanto, composto basicamente de construções que se diferem por tamanho (se atômica ou complexa), nível de especificação (se mais especificada ou mais esquemática) e conteúdo (se mais lexical ou mais gramatical) (GOLDBERG, 1995; CROFT; CRUSE, 2004; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014).

Uma ideia fundamental para esta abordagem teórica é a não distinção rígida entre léxico e gramática. Eles não se opõem rigidamente, mas constituem polos de um *continuum* em que se situam as construções da língua. Nosso repertório linguístico é composto de construções que estão próximas dos polos, cujas funções podem ser mais lexicais ou mais gramaticais. No entanto, motivadas por fatores semânticos, discursivo e interacionais, as construções podem transitar nesse *continuum*, exercendo funções ora lexicais, ora gramaticais, de acordo com os contextos em que ocorrem. Como resumem Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016, p. 56): “Nessa perspectiva, língua(gem), cognição, cultura, discurso e interação se articulam e se interdeterminam inalienavelmente”.

Assumimos, em coerência com o modelo teórico da GC, que as construções armazenam não apenas informações linguísticas, mas também padrões da experiência humana com o mundo, afinal esses padrões são a base para as construções linguísticas

¹ O autor utiliza o termo “meaning” cuja tradução literal é “significado”. Acreditamos, porém, que o termo “função” é mais apropriado para o conceito.

(GOLDBERG, 1998). Há, portanto, uma correlação entre eventos do mundo e o nosso conhecimento linguístico, à medida em que as construções são representações abstratas derivadas de tipos de eventos recorrentes que os falantes têm com objetivos comunicativos também recorrentes. Conforme Langacker (1991, p. 294-295, tradução nossa) postula:

certos aspectos recorrentes e nitidamente diferenciados da nossa experiência emergem como arquétipos, que normalmente são usados para estruturar nossas concepções na medida do possível. Uma vez que a linguagem é o meio pelo qual nós descrevemos nossa experiência, é natural que arquétipos sejam aproveitados como os valores prototípicos de construtos linguísticos básicos.

Entendemos, pois, que as representações que construímos do mundo à nossa volta são armazenadas linguisticamente em construções, que são usadas de forma recorrente e automatizadas para se atingir os objetivos comunicativos pretendidos (TOMASELLO, 1998).

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta seção do artigo tem por objetivo caracterizar metodologicamente a pesquisa desenvolvida. Discorreremos aqui sobre a classificação da investigação, os *corpora* utilizados e o universo de dados considerados para fins de análise.

Sendo a finalidade desta pesquisa ampliar os construtos teórico-metodológicos de um dado campos do conhecimento, dizemos que se trata de uma pesquisa básica. Ressaltamos, contudo, o seu caráter empírico, por se basear em fatos concretos, verificados no uso real da língua por uma comunidade de falantes. O raciocínio que nos orienta é o abdução-analógico, como definido por Givón (1995), porque, a depender dos objetivos, partimos das generalizações para as características particulares do fenômeno em análise, assim como fazemos o caminho contrário, construindo generalizações a partir dos achados.

Em termos de abordagem, situamo-nos no eixo da abordagem qualitativa. Valorizamos a observação e análise subjetiva da realidade, partindo da premissa de que os fenômenos linguísticos não podem ser enquadrados, por inteiro, em variáveis objetivas e quantificáveis. Todavia, não podemos desconsiderar o suporte da abordagem quantitativa. Nesta pesquisa, no que se refere aos aspectos mensuráveis quantitativamente, destaca-se a análise da frequência de uso, muito cara aos estudos funcionalistas, pois sinaliza “o que o uso consagra [ou não] como estratégia de comunicação em um determinado contexto” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 21). Quanto aos objetivos propostos, caracterizamos a pesquisa como sendo descritivo-explicativa. Esses dois vieses se complementam pois, ao passo que expomos propriedades de um dado objeto de estudo, explicamos motivações para a ocorrência de certo fenômeno.

Por se tratar de uma investigação diacrônica, como o próprio título explicita, o *corpus* selecionado para a coleta de dados representa uma amostra do português escrito entre os séculos XIII e XX. Para tanto, utilizamos textos presentes em uma compilação de *corpora* diacrônicos realizada pelo Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPACT/UFJF), que reúne amostras do Corpus Informatizado do Português Medieval (doravante CIPM) e do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB). Essa compilação foi responsável pelos dados dos séculos XIII e XVII. Acrescentamos a esses *corpora*, o Corpus para História do Português Brasileiro (tratado pela sigla CPHPB no decorrer deste trabalho), que nos serviu de fonte para dados do português dos séculos XVIII a XX. Juntos, os *corpora* correspondem a quase 800.000 palavras.

Propriedades formais da construção nominalizadora X-*nte*: uma investigação diacrônica

As ocorrências em análise neste artigo foram coletadas utilizando ferramentas computacionais como o software *AntConc*. Constituem nosso universo de dados 3909 ocorrências de nomes em *-nte*, dentre as quais 2641 são de adjetivos e 1268 são de substantivos. Os números correspondem, respectivamente, a 68% e 32% do total de ocorrências.

3. ANÁLISES

Nesta seção do artigo, apresentamos nossas análises, destacando propriedades formais da construção em estudo, em especial suas propriedades morfossintáticas. Especificamente, pontuamos as seguintes características da construção: i) seu uso como substantivo e/ou adjetivo; ii) a presença (ou não) de uma base verbal reconhecida no Português Brasileiro contemporâneo; iii) a herança da estrutura sintático-semântica do verbo-base.

Como já apresentado na introdução deste trabalho, a construção nominalizadora $[[X]_V -nte]_N$ é uma construção lexical do português porque os construtos por ela licenciados integram o léxico da língua, sendo categorizados comumente como substantivos e adjetivos. Verificamos, em nosso corpus, os contextos morfossintáticos em que os construtos figuram. Eis algumas ocorrências:

- (3) Ca diz a Sancta Escripura que no~ e' huu mayor enmigo ca aquel que dana a boa fama do outro. E diz en outro log(a)r que todo o me q(ue) dos feytos e d(i)tos do p(ri)nçepe ret(ra)he a mal, e' escomungado e deue au(er) pe~a daquel q(ue) faz sac(ri)legyo e iaz en culpa d(e) todo o pobuu e por amor que tollamos razon dos **maldizentes** do mal que no~ q(ue)re~ entender ca~ g(ra)n pe~a deu D(eu)s a Lucif(er) e a todos os dyaboos porq(ue) mormuraro~ (contra) seu poder e (contra) se(us) feytos (CIPM, Séc. XIII)
- (4) Os pobres som apremudos co~ my~goa e som apressados co~ fome e co~ sede e co~ fryo e co~ nuydade e som desprezados e e~uergonhados. Oo, que me zquinha he a co~diçom do **me~digante [mendigante]**! (CIPM, Séx. XV)
- (5) Não acharam embaraçon nenhum em todo aquele distrito, e foram discorrendo por uma, e outra parte, levando diante de si o gado, os pastores, os **caminhantes**, e tudo quanto podiam conduzir. (CHPTB, Séc. XVI)

As ocorrências de (3) a (5), que destacam o uso de *maldizentes*, *mendigantes* e *caminhantes* ilustram o uso da construção como substantivo. Como itens dessa categoria, alguns construtos exibem algumas características morfossintáticas próprias dessa classe de palavras, ao passo apresentam resistência a outras, o que evidencia o seu caráter marginal dentro da categoria, ou seja, não se trata de substantivos prototípicos. As ocorrências em (3) e (5) exibem a flexão de número, uma das características da classe dos substantivos que a construção incorpora. Por outro lado, a origem desses nomes no particípio presente e a natureza do sufixo *-nte* não implica flexão em gênero. Sobre o grau, não identificamos nos dados ocorrências em que os nomes formados pela construção apresentem tal derivação, embora não se exclua essa possibilidade.

No papel de substantivo, os nomes em *-nte* são acompanhados de determinantes e modificadores (pospostos e/ou antepostos). Sintaticamente, são núcleo de um Sintagma

Nominal (SN). É o que mostram as ocorrências de (6) a (8), pelo uso dos substantivos *servente*, *estudante* e *combatente*, respectivamente.

- (6) Senhores, disse a donzela, sabede que esta é a prova dos cavaleiros verdadeiros e dos leaes **sergentes [serventes]** de Nosso Senhor que andam em esta demanda ca ja' cavaleiro nom entrará i que ande em pecado mortal que logo se i nom perca. (CIPM, Séc. XV)
- (7) mas é oração e contemplação; e quem a esta der muito tempo, por pouco que dê aos livros e às postilas, dá-lo-emos por grande **estudante**. (CHPTB, Séc. XVI)
- (8) ajuntava um numeroso exército de mouros andaluzes e africanos, em o | qual havia mais quatro reis, e tão grande | multidão de soldados, que autores graves chegam seu número a quatrocentos mil **combatentes**. (CHPTB, Séc. XVII)

Algumas ocorrências de adjetivos licenciados pela construção estão presentes de (9) a (14). Quando figuram nessa categoria, os construtos se relacionam morfossintaticamente a um substantivo (ou elemento pronominal), modificando-lhe a referência ou qualificando-o. O adjetivo *valentes*, destacado em (9), modifica *homens*, circunscrevendo sua referência. Os adjetivos *antecedentes*, *seguinte* e *diferentes*, respectivamente, nas ocorrências de (10) a (12), atuam na modificação dos referentes *providências*, *número* e *cabos*. Sendo modificadores do núcleo de um SN, os adjetivos concordam em número com o seu referente.

- (9) El rey do~ Afonso, ve~edosse desherdado, ma~dou dizer a sua filha dona Beatriz, que era raynha de Portugal, que fosse ajudar. E ela veo e trouxe co~sigo #IIIc cavaleyros portugueses, **valentes** home~es, que servyro~ el rey bem e lealme~te ataa sua morte. E, nas pelejas e~ que foro~, senpre hya~ na dia~teyra (CIPM, Séc. XIV)
- (10) Fui entregue da Ordem deVossa Ex-|CelenCia de Seis d'este Corrente Mêssem que Vossa ExCelenCia refórÇa as Suas **anteCedentes** ProvidenCias. (CPHPB, Séc. XVIII)
- (11) Cada um destes itens será objecto de nossa particular atenção no **seguinte** numero; não os desenvolvendo hoje por falta de espaço. (CPHPB, Séc. 19)
- (12) Fosse ou não cúmplice, desvario é esta máxima de Estado. Antes de um ano se viu Alentejo governado por três cabos **diferentes**. (CHPTB, Séc. XVII)

Outra característica visível é a possibilidade de o adjetivo estar anteposto ou posposto ao seu referente. *Valentes*, *antecedentes* e *seguinte* encontram-se antepostos, ao passo que *diferentes*, em (12), encontra-se posposto ao substantivo a que se liga. A anteposição do adjetivo pode estar relacionada com aspectos semântico-pragmáticos, visto que a passagem do adjetivo para a periferia esquerda do SN pode ser motivada por processos de (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 2012). Seguem mais algumas ocorrências de adjetivos em *-nte*.

Propriedades formais da construção nominalizadora X-*n*te: uma investigação diacrônica

- (13) Não vivia o moço com menos cuidado, mas eram **diferentes** as causas. Da imbecilidade de sua natureza não desconfiava, porque conhecia suas forças e, assi, não afroxava nos exercícios. (CIPM, Séc. XVI)
- (14) E eu Gil soari'z publico tab(e)lhiom da Cidade de Lixbo~a a rogo das p(ar)tes de suso d(i)tas a esta ue~da **p(re)sente** fuj; e esta c(ar)ta (com) mha ma'á'ó p(ro)p(ri)a screuj (CIPM, Séc. XIII)

Ainda em relação ao uso dos construtos como adjetivos, encontramos ocorrências desses nomes tanto em função atributiva, quanto em função predicativa. Nesse sentido, as ocorrências anteriores apresentam arranjos sintáticos distintos: de (9) a (12), temos adjetivos em *-nte* atuando como modificadores nominais, em função atributiva, portanto; já em (13) e (14), esses adjetivos são, sintaticamente, núcleo de um predicado nominal, pois são parte de uma estrutura copulativa.

Conforme Croft (2001) as funções de referência, modificação e predicação estão correlacionadas às categorias lexicais de nome (substantivo), adjetivo e verbo, respectivamente. Ainda segundo o autor, há uma correlação também entre as categorias e entidades semânticas prototípicas: nomes estão para os objetos, assim como a adjetivos para propriedades e verbos para as ações. Os usos da construção em foco mostram que as nominalizações são recursos linguísticos potenciais que extrapolam as fronteiras categoriais, permitindo ao falante utilizar termos de uma categoria em funções prototípicas de categoria distinta, expressando, por exemplo, propriedades que predicam e ações que modificam.

Partindo da premissa de que não se pode estabelecer limites rígidos entre as categorias linguísticas, observamos que alguns construtos apresentam caráter ambivalente, em que coexistem traços de substantivo e de adjetivo, havendo certa flutuação categorial. Votre (2006) pontuou que, entre as formas em *-nte* do português contemporâneo, há formas que caminham para a nominalidade, porém com a manutenção do traço categorial adjetivo. São casos em que “o adjetivo assume e incorpora os traços do substantivo” (VOTRE, 2006, p. 146). Em nossa visão, há motivações de ordem cognitiva para este fato, principalmente pela influência de projeções metonímicas e pelo próprio processo de categorização, dada a proximidade conceptual entre essas duas categorias (CORDEIRO, 2022).

- (15) E por esta cousa se'é'r mays stauil e non vi'j'r fit en(de) a elas esta mha Carta ab(er)ta p(ar)tida p(er). abC (e) sseelada de meu sseelo **pendente**. ffeita a C(arta). tres dias andados de Setenbro. E(ra). #M^a #CCC^a #xxviii^a q(ue) p(re)sentes foron quando a Canbha foy feita. D(omingo)s p(er)iz p(ro)c(ur)ador da Chelas (CIPM, Séc. XIII)
- (16) É um pergaminho de letra | antiga já gastada com selo de El-rei | Dom Afonso, e outros quatro de cera vermelha | **pendentes** de fios de seda da mesma | cor, confirmado por pessoas de autoridade (CHPTB, Séc. XVI)
- (17) Dona, disse el, assi como aos outros cavaleiros **andantes**, aas vezes bem e aas vezes mal, assi como as aventuras e andanças nos veem. – Sobrinho, disse ela, Nosso Senhor por sua piedade vos faça melhor **andante** ca foi vosso padre nem ca vossos irma~os, que morreram a gram coita e a gram marteiro. (CIPM, Séc. XV)

- (18) Depo's esto, disse Estor: – Dom Galvam, vo's andastes ataa ora soo e eu outrossi e nom achá'mos rem. Ora andemos de consu~u~ e veeremos se seremos melhores **andantes**. (CIPM, Séc. XV)

O uso do lexema *pendente* em (15), como adjetivo, tipifica o selo exposto na carta em discussão, dando-lhe caráter de documento oficial. Em (16), *pendente* parece cumprir o mesmo papel, porém o contexto sintático é confuso, fazendo-nos questionar se não há aí um uso substantivado do adjetivo. Análise semelhante cabe a *andante*, em (17) e (18): o adjetivo modifica *cavaleiros* na primeira vez que ocorre, logo depois, no mesmo excerto, aparece como substantivo, a exemplo do que ocorre em (18). A análise dessas ocorrências mostra que há formas que avançam para a nominalidade mais prototípica (os substantivos), mas ainda há uma preservação do traço adjetivo, sendo, portanto, formas cujo uso se situa entre as duas categorias.

Analisando a estrutura morfológica interna da construção, lançamos foco na base verbal, o que nos permitiu dois grupos de construtos, divididos pelo grau de *analísabilidade* do verbo que lhe serve de base. A analisabilidade refere-se à capacidade que os falantes têm de reconhecerem as partes componentes de uma construção separadamente (BYBEE, 2016). Dividimos, pois, os construtos nos seguintes grupos:

- i) formas cuja base verbal existe no português contemporâneo;
- ii) formas cuja base verbal havia no latim, mas não existe no português contemporâneo.

Os dois grupos envolvem substantivos e adjetivos e encontramos ocorrências desses dois conjuntos em todos os séculos analisados. Em termos de frequência de uso, as formações do primeiro grupo – com base verbal reconhecida no português – são mais comuns do que as do segundo grupo, cuja base não encontra correspondência. São 3007 e 898 ocorrências respectivamente. Os exemplos em seguida ilustram os grupos anteriormente mencionados:

- (19) A fábula cujos episódios não são partes **ajudantes** e partes **impedientes** da ação primária chama Aristóteles fábula episódica. (CHPTB, Séc. XVI)
- (20) Lemos nos jornais que os filhos do **presidente** Collor vão estudar em colégios da França. O **presidente** tem todo o direito de escolher o melhor para seus filhos. (CPHPB, Séc. XX)
- (21) **Traficantes** apontam policiais da Divisão de Repressão e **Entorpecentes** como associados a Parazão. Acusada, portanto, de corrupção e cumplicidade, a polícia fluminense volta ao foco das atenções, numa posição privilegiada ao lado dos traficantes em fúria. (CPHPB, Séc. XX)

Nas ocorrências (19) a (21), temos o uso de alguns construtos formados por bases verbais existentes no português contemporâneo. Da categoria dos adjetivos, selecionamos os exemplares *ajudantes* e *impedientes* que têm como bases verbais *ajudar* e *impedir*. Já *presidente*, *traficante* e *entorpecente* ilustram o caso dos substantivos com base verbal reconhecida, nesses casos, *presidir*, *traficar* e *entorpecer*. Todas essas bases aqui explicitadas são verbos usados no

Propriedades formais da construção nominalizadora X-nte: uma investigação diacrônica

português contemporâneo e facilmente reconhecidos pelos falantes como tais, ainda que no interior da construção. Vejamos agora estas amostras:

- (22) Mas se andar sobre **valente** cavallo, e que seja prestes aas sporas, e de rostro seguro e bem aderençado, ao primeiro topo filhe cada hu~a das pontas, e vaa bem atentado por se guardar de cayr sem proveito, como a muytos em tal tempo acontece. (CIPM, Séc. XV)
- (23) or estes motivos não tenho procedido Como devo Contra estes **insolentes** agressores, eRecorro aVossa Magestade com estaReprezentação para avista della determinar oque melhor convier (CPHPB, Séc. XVIII)
- (24) O Doutor Jacobus é **intelligente** e estudioso; não deve, pois, andar fazendo bandeira da sua pobreza para fazer o publico apiedar-se do seu trabalho. (CPHPB, Séc. XIX)
- (25) Ando em vésporas do dia do meu juizo. Temem-no os **inocentes** e os culpados, porque é juizo de homens, às vezes sem juizo. Os tribunais de Deus são horrendos aos reus e aprazíveis aos **inocentes**. (CIPM, Séc. XVII)
- (26) A vista da Informação do Sargento Mór. Administrador: dos Córtes de Jequiriça, que ouvi sobre o requerimento de Antonio Jozé daCosta e atendida a resposta dos Práticos, que també vai junto, está nos termos de ser referido por Vossa Excelencia permitindo ao **suplente** o Rossado. (CPHPB, Séc. XIX)

De (22) a (24), encontramos ocorrências de adjetivos cujas bases verbais não são reconhecidas no português contemporâneo, mas existiam no latim. O adjetivo *valente*, em (22), tem como base o verbo latino *valere*, que significava “ser forte, vigoroso, estar bem de saúde”. O adjetivo *insolente*, demonstrado em (23), deriva do verbo *insolere*, que significava “não estar habituado, não ser afeito”. Por seu turno, *intelligente*, adjetivo destacado em (24), tem como base o verbo *intelligere*, “discernir, distinguir, compreender”. Os substantivos destacados nas ocorrências (25) e (26) também são casos explícitos de ausência de base verbal no português contemporâneo. *Inocentes*, presente na ocorrência (25), tem como base o verbo *innocere*, de significado “não fazer mal, causar dano”, já a ocorrência em (26), do substantivo *suplente*, tem origem no verbo latino *supplere*, cujo significado era “acrescentar o que falta, acrescentar”.

Diante do fato de que formas cujas bases verbais não são reconhecidas e não fazem mais parte do repertório lexicais, mas ainda assim são frequentes no português, questionamo-nos a que se deve essa permanência. O fato já havia sido demonstrado por Cordeiro (2017) e Cordeiro (2019) e foi agora asseverada pelos dados diacrônicos. Argumentamos que, ao lado de fatores de ordem semântico-pragmática, a frequência de uso é muito importante para a manutenção dessas formas no léxico, ainda que se perca a referência verbal. Outra motivação é o que Hilpert (2014) chamou de associação paradigmática. Construções morfológicas relacionam-se frequentemente por links de subparte, isto é, são reconhecidas em paralelo a outras com que apresentam uma semelhança formal, existindo aí uma relação paradigmática (a exemplo de construções morfológicas de base verbal). É perceptível uma ligação entre nomes como *intelligente*, *inocente*, *suplente* com palavras como *inteligência*, *inocência* e *suplência*, o que faz com que esses paradigmas se apoiem mutuamente no repertório lexical dos falantes. Mesmo que para o

falante as bases verbais de *inteligente*, *inocente* e *suplente* não estejam disponíveis na língua e a analisabilidade da construção seja menor, a associação paradigmática permite ao falante atribuir sentido a esses nomes, preenchendo o “vazio” que se forma pelo não reconhecimento das partes componentes da construção.

Outro aspecto da construção analisado foi a herança (ou não) da estrutura argumental do verbo que serve de base para a formação dos nomes em *-nte*. É relevante considerar esse aspecto porque, sendo o verbo um elemento lexical que envolve uma moldura sintático-semântica, a manutenção ou não de termos argumentais do verbo-base pode estar relacionada à composicionalidade² da construção e/ou aos sentidos que adjetivos e substantivos expressam num dado contexto de uso. Verificamos se os verbos que preenchem o *slot* V da construção são, em sua maioria, transitivos ou intransitivos e se, no caso de serem transitivos, há manutenção de seu argumento interno, que aparece na forma de um complemento nominal do adjetivo ou substantivo dele derivado.

Os estudos sobre nominalização mostram que há, em alguma medida, um paralelismo entre o nome deverbal e um sintagma verbal nucleado pelo mesmo verbo. Camacho e Santana (2004, p. 1), dizem que:

nomes deverbais são dotados de uma especificidade gramatical extremamente interessante: podem manter praticamente intacta a estrutura argumental do termo primitivo que lhes deu origem e funcionar como termo na predicação matriz, assumindo, assim, funções sintáticas, semânticas e pragmáticas que, de outro modo, não seria possível, caso se mantivessem como verbos

Para esses autores, a nominalização compreende um processo de ajustes formais determinado por propósitos eminentemente comunicativos, entre eles a possibilidade de expressão dos argumentos do verbo nominalizado. Do mesmo modo, Oliveira (2006) mostra que morfologia e sintaxe são mais integradas do que parece, já que a estrutura sintático-semântica de um SN nucleado por um deverbal parece similar à de um SV. Nas palavras da autora: “poder-se-ia admitir, como pressuposto, que os deverbais são construções de estrutura argumental que, em princípio, instalam, numa estrutura menor, o esquema temático da base (ou do verbo primitivo)” (OLIVEIRA, 2006, p. 32). Vejamos o que revelam os nomes em *-nte* sobre a questão.

Identificamos que verbos transitivos e intransitivos ocupam o *slot* de verbo em todos os séculos analisados. Todavia, verifica-se larga preferência por verbos transitivos, em detrimento de verbos intransitivos, no interior da construção. As ocorrências de (27) e (28) mostram alguns nomes formados por verbos transitivos. *Pertencente*, adjetivo apresentado em (27), tem por base o verbo *pertencer*. Esse verbo é transitivo pois sua estrutura argumental exige um termo que exprime algo/alguém que pertence e algo/alguém pertencido. De maneira análoga, o adjetivo *pertencente* apresenta no contexto acima referência ao elemento pertencido (a remessa dos dinheiros) e tem como complemento o “pertencedor”: a esta arrecadação, sublinhado no excerto. Análise semelhante cabe ao uso de *obediente*, em (28). O verbo *obedecer*, base desse nome, por ser transitivo, motiva a realização de um complemento nominal, que seria o seu argumento, daí *obediente a Deus*. As ocorrências (29) e (30) ilustram casos em que bases intransitivas ocupam o *slot* X da construção. Em (29), temos o uso do adjetivo *dormente*, derivado de *dormir*, categorizado como intransitivo por não requerer complemento. Já em (30), temos o adjetivo *crecente*, cuja base é o verbo intransitivo *crecer*.

² Composicionalidade é a propriedade das construções que se refere ao grau de transparência ou opacidade do elo entre a forma e a função. Ver Traugott e Trousdale (2013). Sobre a composicionalidade da construção em estudo, ver Cordeiro; Bispo e Lucena (2021).

Propriedades formais da construção nominalizadora X-*nte*: uma investigação diacrônica

- (27) para oque expedio Ordens pelos Juizes Ordinarios dellas, recomendando-lhes a remessa dos dinheiros **pertensentes** aesta arrecadação tanto oque se devia actual, como oatrizado (CPHPB, Séc. XVIII)
- (28) onde diz Sancto Agostinho e~no liuro da Cidade de Deus que, sse o home~ fora **obediente** a Deus e guardara o seu precepto, passara do parayso terreal pera a companhia dos angeos sem morte nehu~a e uiuera pera senpre uida bemaue~turada no~ mortal (CIPM, Séc. XV)
- (29) Tambem he fallymento as bestas muyto avyvadas custumar a feryr ryjo, e aas **dormentes**, ou quando comprir, nom lhe saber dar com ellas. (CIPM, Séc. XV)
- (30) Onde diz Solino que os elifantes e~na lua **crecente** ua~a~ se aas auguas e laua~ se e dessy saudam o nacime~to do sol, fazendo seus mouime~tos quaes podem, e depois torna~-se pera as serras (CIPM, Séc. XV)

Os dados das diferentes sincronias do português permitiram-nos perceber que, apesar da alta frequência de verbos transitivos como base dos nomes licenciados pela construção, a moldura sintático-semântica não é preservada na maioria dos usos dos adjetivos e substantivos derivados. Em outras palavras, ainda que a base do adjetivo ou do substantivo seja transitiva, recorrentemente não há a presença do argumento interno requerido pela base verbal, resultando em uma leitura intransitiva, digamos assim, do nome deverbal. Eis algumas amostras:

- (31) Ca aquelle que esta em seu estado e dignidade tantas uezes he e~uergonçado e confundido quantas uezes no~ pode ou [nom] ousa castigar e correger os [fiéis] **desobedientes** e os reuees e os que mal uiue~. (CIPM, Séc. XV)
- (32) Mas se estas mizeras creaturas, não estão sujeitas a um soffrimento moral, estão, com tudo, sob a pressão dominadôra das leis da natureza, que dotou o homem com uma constituição phisica por demais **exigente**. (CPHPB, Séc. XIX)

Nessas duas ocorrências de adjetivos em *-nte*, observamos a atuação de um verbo transitivo como base: *desobedecer* dá origem a *desobediente*; *exigir* dá origem a *exigente*. Em (31), no contexto de uso do adjetivo *desobediente*, não há a presença do complemento requerido pelo verbo *desobedecer*, que expressa a entidade a que se deve obediência. A ocorrência do adjetivo *exigente*, em (32), também demonstra intransitividade porque não há a presença de um complemento ainda que a base verbal *exigir* exija um argumento interno, termo que serviria à expressão do que é exigido.

- (33) Diz ainda a Diretora da Escola Ana Néri que a carreira não começa como **servente**, mas que se um **servente** quiser estudar, usando de um direito que existe numa democracia, terá que obter legalmente o grau correspondente aos estudos feitos. (CPHPB, Séc. XX)
- (34) que Cristo, nosso Redentor, significou as obrigações do verdadeiro pregador evangélico, louvando ao glorioso Bautista e mostrando que quem tal houver de ser,

primeiro há-de arder em fogo de amor divino e da salvação dos **ouvintes** (CPHTB, Séc. XVI)

As ocorrências (33) e (34) mostram o uso dos substantivos *servente* e *ouvintes*, formados, respectivamente, pelos verbos *servir* e *ouvir*. Esses dois verbos são transitivos e selecionam argumento interno quando núcleos de um sintagma verbal. Contudo, os nomes deverbais não apresentam termo equivalente ao complemento exigido pelo verbo. O sentido do substantivo *servente* remonta a alguém que serve, mas não se especifica a que(m) serve. *Ouvinte* denota alguém que ouve, mas não parece necessário se especificar, nesse contexto, o que se ouve.

É por essas evidências que defendemos haver uma herança apenas parcial da moldura sintático-semântica da base verbal no caso da construção X-*nte*. De fato, a transposição de um elemento verbal para uma categoria nominal requer ajustes formais, nas palavras de Camacho (2011), o que implica a não realização completa da estrutura sintático-semântica do verbo em alguns contextos. As motivações para tanto são de natureza semântico-cognitiva e discursivo-pragmática.

Podemos citar, entre essas motivações, o grau de compartilhamento da informação entre os interlocutores e/ou a relevância informacional do termo complemento. A expressão do complemento está vinculada ao grau de importância dado pelo falante à informação, fazendo com que ele seja expresso se for relevante para os propósitos comunicativos em jogo no momento da interação. Se o complemento for uma informação dada, inferível, disponível ou mesmo irrelevante do ponto de vista comunicativo, é possível que ele não ocorra sintaticamente.

Vemos em (35), no uso do adjetivo *diferente*, que a comparação entre mulheres e homens torna a informação discursivamente relevante, motivando a realização do complemento, que se encontra sublinhado propositalmente. Alguns nomes em -*nte* fazem alusão a cenas de ação rotineiras, o que implica, de certo modo, o compartilhamento intersubjetivo e a disponibilidade entre os falantes de algumas informações componentes da cena. Em (36), o adjetivo *falante* remete a uma ação característica e habitual de um determinado ser, não sendo determinante, nesse contexto, o que se fala. Logo, o complemento previsto na moldura do verbo-base não se realiza.

(35) O destino dasmulheres, pelo contrario, he **diferentedo** [destino] dos homens, quer na Ordem Social, quer na da natureza. (CPHPB, Séc. XIX)

(36) A gente daquella terra he estremada das outras gentes e~no trajo e he de pouco comer e de coraçõ~ cruel e he espantosa e~no rosto e aspera e~na falla. Pero som liberaes e be~**falantes** antre ssy hu~u~s aos outros e piedosos (CIPM, Séc. XV)

Outro fator importante para a (não) herança da estrutura argumental do verbo é o ajuste focal realizado na transposição para adjetivo e/ou substantivo, em que o foco recai sobre o evento denotado pelo verbo e não sobre o participante (o argumento). Nesse caso, a saliência perceptual da ação é maior, resultando no apagamento do elemento participante possivelmente recrutado em outro contexto sintático-semântico. Na ocorrência (37), temos dois termos substantivos – *levante* e *poente* – os quais designam pontos cardeais. Nesses casos, o substantivo focaliza a ação característica daquele ponto particular do espaço, não necessariamente quem a executa/sofre.

Propriedades formais da construção nominalizadora X-*nte*: uma investigação diacrônica

- (37) A uoss Domingos Joa´nes hu~u nosso canpo q(ue) auemos ((L004)) cabo do noso mosteyro da/sic/ qual canpo estes ssom oss te(r)mhos ao **leuante [levante]** olyual ((L005)) dalcobaca a´o **po~ente [poente]** o mosteyro au(re)go outrossy o mosteyro agyo´n´ careyra (CIPM, Séc. XIII)

Também o fato de que itens lexicais podem se especializar em determinados sentidos, pragmaticamente motivados, pode dispensar a realização da estrutura argumental completa do verbo-base, assim como o uso de *pretendente* (43) para designar os cavaleiros que cortejam a dama e almejam tomar-lhe por esposa. Muito embora não se esclareça o que tais seres *pretendem*, aceitamos que essa é a acepção mais apropriada para o termo, no contexto em que ocorre.

- (38) Deu-se a Raínha por obrigada a informação tão resoluta e não tardou em chamar o apontado. Entretanto não dormiam os **pretendentes**. (CIPM, Séc. XVI)

Todavia, assumimos que a não expressão do argumento interno do verbo na forma de complemento nominal do adjetivo ou do substantivo derivado não significa uma perda absoluta da valência pela construção, uma vez que, no exame de uma mesma forma em contextos diferentes, enxergamos que o complemento pode ou não ser realizado a depender das necessidades comunicativas do falante. Assim como Oliveira (2012), sobre a nominalização em X-DOR, entendemos que os nomes em *-nte* apresentam uma valência potencial, colocando-os numa posição intermediária em um *continuum* que vai das nominalizações avalentes, que seriam as mais prototípicas segundo Mackenzie (1985), até as nominalizações que herdam totalmente a valência do verbo de que se originam.

Essa discussão sobre a transitividade do verbo-base do nome formado pela construção e a possível herança da estrutura argumental leva-nos à identificação de efeitos de coerção da construção sobre as partes que a compõem. Do mesmo modo que as propriedades de construções sintáticas afetam seus constituintes, as construções morfológicas também têm o potencial de implicar ajustes de ordem sintático-semântica sobre as suas partes componentes (BOOIJ; AUDRING, 2018). Na construção nominalizadora em *-nte*, conforme os dados analisados, a subparte de natureza verbal frequentemente perde sua valência devido a propriedades funcionais da construção.

Dito isso, fechamos a seção dedicada às análises, na qual expusemos os resultados da nossa pesquisa e explicitamos as propriedades formais relevantes para a descrição da construção em estudo. Agora, apresentaremos nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de dados do português escrito em oito séculos diferentes, propusemos, neste artigo, uma análise das propriedades formais da construção nominalizadora X-*nte*. O objetivo era pontuar tais propriedades, buscando motivações de ordem semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que pudessem estar envolvidas nessa configuração. Este trabalho é resultante de uma tese de doutorado que aborda a referida construção e se dedica a sua descrição. O embasamento teórico foi essencialmente a Linguística Funcional Centrada no Uso e a Gramática de Construções.

Evidenciamos que a construção nominalizadora em *-nte* exibe relativa estabilidade no que diz respeito a seus aspectos formais. Isso porque não encontramos evidências de mudanças significativas na estrutura morfossintática desse padrão formal no *corpus*. Isto é,

no que se refere ao polo formal, a construção não apresentou traços de mudança no português.

A título de síntese, entre as principais características formais da construção, pontuamos: a sua relativa produtividade no léxico do português, na formação de adjetivos e substantivos, muito embora tais formações não sejam exemplares prototípicos dessas categorias lexicais; a diversidade de configurações morfossintáticas em que os nomes em *-nte* podem ocorrer, atuando nas funções de referenciação, modificação e predicação; a estrutura morfológica interna, constituída pelo acréscimo do sufixo *-nte* a uma base verbal, que pode ser um verbo em uso no português contemporâneo, mas também pode ser um lexema verbal do latim, havendo, portanto, formações cristalizadas que preservam a forma do latim ainda que não encontrem correspondência no português; e, por fim, a herança parcial da estrutura argumental do verbo que serve de base, o que está, em alguns contextos, condicionada a motivações semântico-cognitivas e/ou discursivo-pragmáticas. Ademais, constatamos que a nominalização é um recurso linguístico que mexe com as fronteiras categoriais e provoca ajustes nas estruturas morfossintáticas de verbos e nomes.

Esse estudo, porém, não esgota as questões que possivelmente tenham ficado em aberto e pode servir de ponto de partida para outras investigações que busquem ampliar a descrição de construções lexicais do português.

REFERÊNCIAS

- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BOOIJ, G.; AUDRING, J. Category change in construction morphology. In: VAN GOETHEM, K. et al. *Category change from a constructional perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2018, p. 209-228.
- BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. *Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CAMACHO, R. G.; SANTANA, L. A expressão argumental dos nomes deverbais. *Estudos Linguísticos* (São Paulo). v. 32, 2004, p. 1-6.
- CAMACHO, R. G. *Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CORDEIRO, F. S. *Construção nominalizadora de participio presente: uma abordagem funcional centrada no uso*. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- CORDEIRO, F. S. Forma e função no uso de adjetivos deverbais de participio presente em perspectiva diacrônica. In: ATAÍDE C. et al (Org.). *Estudos linguísticos e literários: caminhos e tendências*. 1ed. São Paulo (SP): Pá de Palavra, 2019, v. 1, p. 95-105.
- CORDEIRO, F. S. *Nomes em -nte sob o viés diacrônico: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2021. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Cadernos do NEMP, n. 7, v. 13, 2022, p. 17-34.

Propriedades formais da construção nominalizadora X-nte: uma investigação diacrônica

CORDEIRO, F. S. Atuação de processos sociointeracionais e projeções conceptuais na extensão semântica de nomes deverbais em -nte. *Revista Odisseia*, [S. l.], v. 7, n. Especial, p. 109–130, 2022. DOI: 10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID27548. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/27548>. Acesso em: 4 jul. 2022.

CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B.; LUCENA, N. L. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade de nomes deverbais em -nte. *Letras Escreve*. V. v. 11, n. 1. Macapá, 1º sem., 2021.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DIAS, E. F. *A evolução do particípio presente em Português*. 253f. Tese (Doutorado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.

FURTADO DA CUNHA; M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013b. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística*, v. Espec., p. 55-67, 2016.

FURTADO DA CUNHA; M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2016.

GIVÓN, T. *Funcionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. Traduzido por Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Felipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012[1979].

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Originally presented as the author thesis (Ph.D.). California: University of California, 1995.

GOLDBERG, A. E. Patterns of experience in patterns of language. In: TOMASELLO, M. (Ed.) *The new psychology of language*. New Jersey, London: Laurence Erlbaum Associate Publishers, 1998, p.203-217.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. Formações X-NTE da flexão em latim à derivação em português. *Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Cadernos do CNFL. Série V. n. 06. 2001.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edimburg: Edimburg University Press, 2014.

HOPPER, P. J. *Emergent grammar*. In: Berkeley Linguistics Society. v. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in grammar and discourse*. *Language*. v. 56, p. 251-299, 1980.

- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol 2: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LANGACKER, R. W. Conceptualization, symbolization and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associate Publishers, 1998. p. 1-39.
- MACKENZIE, J. L. Nominalization and Valency Reduction. In: BOLKESTEIN, A. M.; GROOT, C.; MACKENZIE, J. L. (Eds). *Predicates and Terms in Functional Grammar*. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publication, 1985.
- MARTELOTTA, M. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MEDEIROS, A. B. O particípio presente no Português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 69, p. 191-211, maio/ago. 2006.
- MEDEIROS, A. B. Formas nominais em -nte do Português do Brasil: uma análise sintática. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 30-56, 2010.
- OLIVEIRA, N. F. A estrutura argumental das construções deverbais em -dor. *Gragoatá*. Niterói, n. 21, p. 27- 42, 2. sem. 2006.
- OLIVEIRA, N. F. *Nominalização deverbal no Português: o caso das construções X-DOR*. Natal: EDUFRN, 2012.
- OLIVEIRA, J. O. N; OLIVEIRA, M. R. O particípio presente em cartas de Bernardo de Claraval: mudança e conservação na língua portuguesa. *Confluência*. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. N 35/36 2º semestre de 2008/1º semestre de 2009. Rio de Janeiro, 2009.
- SANTOS, A. M. T. A rede de construções agentivas deverbais X-NTE. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009, p. 229-257.
- TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista*. Natal: EDUFRN, 2014.
- TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*. Prototypes in Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- TOMASELLO, M. (Ed.) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.
- TRAUGOTT, E. C. Intersubjetification and clause periphery. In: BREMS, L. et al. *English Text Constructions*. v. 5. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

Propriedades formais da construção nominalizadora X-nte: uma investigação diacrônica

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VOTRE, S. O princípio da extensão imagética, uma nova ótica para a estabilidade lingüística. In: GORSKI, E.; COELHO, I. (Org.). *Sociolingüística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Santa Catarina: Ed. da UFSC, 2006. p. 135-154.

FORMAL PROPERTIES OF THE NOMINALIZING CONSTRUCTION X-NTE: A DIACHRONIC RESEARCH

Abstract: *This article discusses the nominalizing construction $[[X]_V -nte]_N$, which licenses the formation of nouns and adjectives in Portuguese. The objectives are to present the formal properties of the construction, from the analysis of the use of names in -nte in a diachronic perspective, to point out possible semantic-cognitive and discursive-pragmatic motivations for its configuration in the contexts in which it occurs and to discuss whether the construction presents changes significant at its formal pole. Our theoretical base is Usage-Centered Functional Linguistics and Construction Grammar. It is a qualitative research, with quantitative support, whose objectives are eminently descriptive and explanatory. The database come from samples of Portuguese written between the 13th and 20th centuries. The results show that the construction exhibits relative productivity in the formation of nouns and adjectives and occurs in different morphosyntactic contexts. There is a partial inheritance of the syntactic-semantic frame of the base verb, mediated by semantic-pragmatic and cognitive factors. Finally, we can say that the construction doesn't present significant changes in its internal formal structure over time.*

Key-words: *Nouns in -nte. Nominalizing construction X-nte. Functional Usage-based Linguistics. Construction Grammar.*

Data de envio: 14/04/2022